

A PRÁTICA DO ENFERMEIRO NO MANEJO CLÍNICO DO ALEITAMENTO MATERNO NA COVID-19

Aline Silva De Souza¹ aline.openc@gmail.com; Kamila Freitas Da Cruz¹ kamilafreitas1704@gmail.com; Maiara Vitória Moraes Costa¹ maiacosta70@gmail.com; Nubia Bernardes Da Silva Marques¹ nubiamarques01@hotmail.com; Tamires Fonseca De Araujo¹ aftami.97@gmail.com; Simone Mourão Abud de Paula² simoneabud@univag.edu.br

¹Discentes do Curso de graduação em enfermagem do Centro Universitário de Várzea Grande/MT (UNIVAG).

²Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela UFMT. Docente do Curso de graduação em enfermagem do Centro Universitário de Várzea Grande/MT (UNIVAG).

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter descritivo com abordagem quantitativa, que teve por finalidade descrever a atuação e desafios enfrentados por enfermeiros (a) na prática do manejo clínico do aleitamento materno durante a pandemia da Covid-19 no ano de 2020. Os dados foram coletados entre os meses de abril e maio de 2022, sendo um total de 43 Enfermeiros participantes através de questionário disponibilizado de forma online pela plataforma do Google Forms®. Realizaram-se as análises por meio de estatística descritiva. Os resultados apresentam uma predominância de profissionais do sexo feminino, na qual 62,79% possuem idade inferior a 40 anos, 46,51% detêm de um tempo de formação maior que 10 anos, 53,48% dispõem de curso em consultoria do aleitamento materno, em que 65,11% delas atuam há menos de 4 anos na área. Os desafios mais prevalentes na atuação desses profissionais foram o atendimento presencial em momento de isolamento social, medo do desconhecido, adaptação ao sistema remoto e o medo de contaminação. Foram também descritos os problemas mais comuns atendidos, onde se destacam em sua maioria as fissuras logo seguidas de ingurgitamento mamário. Nota-se que apesar dos desafios e limitações enfrentadas os atendimentos tiveram continuidade o que permitiu a realização dessa pesquisa de abordagem temática importante para o entendimento do cenário pandêmico na prática profissional desses enfermeiros. Evidencia-se ainda a necessidade da realização de novas pesquisas que explorem essa área para se obter uma análise mais profunda do tema.

PALAVRAS CHAVES: assistência à saúde; aleitamento materno; pandemia; covid-19

Em 2019, na China, foram detectados os primeiros casos da SARS-CoV-2, uma doença sem precedentes, altamente contagiosa e consideravelmente letal, espalhou-se em dimensões globais, com impactos inestimáveis, afetando diretamente a saúde e economia das nações. No Brasil, o primeiro registro da doença ocorreu em 26 de fevereiro de 2020 (BRITO et. al., 2020). Ainda desconhecida, a Covid-19 tornou-se uma urgência de saúde no Brasil, onde a estrutura e serviços mal comportavam as demandas atuais. Profissionais de saúde de distintas áreas atuaram e ainda atuam diante desse cenário, e embora a Organização Mundial da Saúde (OMS) e outros órgãos apliquem protocolos, e atualizem as recomendações preventivas com frequência, ainda assim é um desafio para o profissional de saúde sentir-se

seguro, ainda que consigam permanecer o desempenho de seu papel na assistência do cuidado (RIBEIRO et. al., 2020).

Embora a pandemia tenha devastado muitas famílias, trazendo incertezas e medos, ainda assim, a população em geral tenta seguir em frente adequando-se a sua nova realidade. Várias mulheres já estavam gestantes ao iniciar a pandemia, e muitas outras ficaram no decorrer do caminho. O Ministério da Saúde (MS) assegura à mulher o direito à atenção humanizada na gestação, no parto, no período pós-parto (puerpério), direito de planejamento reprodutivo, ao nascimento, crescimento e desenvolvimento saudável das crianças (UFMA, 2015). O Aleitamento Materno é recomendado não só pela OMS ou MS brasileiro, mas por várias outras instituições de saúde internacionais. Recomenda-se a amamentação exclusiva até os 6 meses e manutenção do aleitamento como complementação até os 2 anos de idade ou mais. O ato de amamentar promove, além do vínculo entre mãe e bebê, inúmeros benefícios à saúde de ambos envolvidos no processo (BRASIL, 2015). Embora já comprovados cientificamente os benefícios da amamentação, e sua prática seja sempre incentivada, ainda assim os índices desse ato estão abaixo do esperado. O declínio na prática da amamentação está relacionado à vários fatores, desde a inserção da mulher no mercado de trabalho, a falta de habilidade, medos, inseguranças e receios que envolvem o período puerperal, que podem induzir a práticas contrárias à amamentação por livre demanda (BRASIL, 2017). Faz parte da continuidade de atenção à saúde da mulher em seu puerpério, e atenção à saúde do recém-nascido, as orientações e consultoria referente à amamentação. Diante desse cenário, faz-se muito importante a figura do profissional de saúde que oriente, acolha, respeite e ensine o manejo na amamentação. As orientações para a amamentação geralmente são ministradas em hospitais e maternidades no alojamento conjunto, em unidades de saúde na atenção básica, ou até em domicílio, com presença de consultoras da amamentação. Frente ao cenário pandêmico, a prática da consultoria para o manejo da amamentação tornou-se um desafio, devido às incertezas trazidas pela pandemia, o alto índice de contaminação e as regras de distanciamento. Diante disso, faz-se importante compreender como foi, para o profissional de saúde, atuar diante deste cenário até aquele momento desconhecido. O objetivo dessa pesquisa foi analisar a prática do manejo clínico do aleitamento materno no contexto pandêmico no ano de 2020, visando identificar compreender os desafios na consultoria ou orientação especializada da amamentação, levando em consideração os desafios vivenciados por esses profissionais em seu dia a dia, suas adaptações e, principalmente, como mantiveram as diretrizes e apoio à amamentação, realizando o manejo diante desse período de dúvidas e inseguranças.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo com abordagem quantitativa realizado com enfermeiros que atuaram no manejo clínico do aleitamento materno durante a pandemia da covid-19 no ano de 2020 nos Estados da região Centro Oeste, que abrange os Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal.

Foi utilizado a amostra não probabilística por conveniência, devido não haver obrigatoriedade de registros de atuação em consultoria de aleitamento materno junto ao conselho regional de enfermagem. Optou-se por este tipo de amostragem em razão de não se conhecer ou ter uma quantidade exata de enfermeiros na região Centro Oeste que atuaram no manejo clínico de aleitamento materno em contexto pandêmico no ano de 2020, bem como por não haver registro de especialidade junto ao conselho de enfermagem do profissional capacitado em aleitamento materno.

A pesquisa incluiu enfermeiros graduados há pelo menos 2 anos, e que atuaram no manejo clínico de aleitamento materno em contexto pandêmico na região Centro-Oeste do ano de 2020.

A coleta de dados ocorreu nos meses de abril e maio de 2022, por meio da aplicação de um instrumento de coleta de dados elaborado pelas pesquisadoras, composto por 23 perguntas, na qual foi divulgado pelas redes sociais e disponibilizado por meio da plataforma google forms®. O questionário foi dividido em sete etapas: Perfil Sociodemográfico; Formação profissional; Atuação profissional; Medidas de prevenção da COVID 19 relacionadas à amamentação; Condições de trabalho; Gestão do trabalho e os Desafios encontrados na prática profissional durante o enfrentamento da pandemia em 2020.

Responderam ao questionário 44 enfermeiros que praticaram o manejo clínico em aleitamento materno na pandemia em 2020, sendo excluído 1 participante por não atender a todos os critérios de inclusão. O Termo de Consentimento Livre Esclarecido, foi apresentado na primeira página do questionário, sendo imprescindível sua aceitação para que pudesse dar prosseguimento a resposta das perguntas do questionário, desse modo, o TCLE foi assinado digitalmente e encaminhado uma cópia no e-mail de cada participante.

Os dados obtidos foram tabulados em uma planilha do programa Microsoft Office Excel®, versão 2016. A análise dos dados ocorreu por meio de estatística descritiva, em que as variáveis foram apresentadas em frequência absoluta e relativa, sendo interpretadas e fundamentadas com base na literatura atualizada sobre o tema. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Várzea Grande, Mato Grosso, sendo aprovada sob o parecer nº 5.338.452/2022.

RESULTADOS

Participaram do estudo 43 (100%) enfermeiros e destes, predominam enfermeiros do sexo feminino 41 (95,34%), 27 (62,79%) possuem idade inferior a 40 anos, 20 (46,51%) possuem tempo de formação maior que 10 anos, 23 (53,48%) tem curso de consultoria de aleitamento materno. Em relação ao tempo de atuação como consultor de aleitamento materno, 28 (65,11%) dos participantes atuam há menos de 4 anos na área e 21 (35,59%) não possuem pós-graduação na área materno-infantil (tabela 1).

Tabela 1- Distribuição das variáveis socioeconômicas, demográficas, formação e atuação profissional Várzea Grande, Mato Grosso, 2022. n = 43

Variáveis	N	(%)
Idade		
<40	27	62,79%
≥ 40	16	37,20%
Sexo		
Feminino	41	95,34%
Masculino	2	4,65%
Tempo de Formação em Enfermagem		
< 4 anos	9	20,93%
4 a 8 anos	12	27,90%
8 a 10 anos	2	4,65%
> 10 anos	20	46,51%
Curso de Consultoria em Aleitamento Materno		
Sim	23	53,48%
Não	20	46,51%
Tempo de atuação como consultor em aleitamento Materno	28	65,11%
< 4 anos	09	20,93%
4 a 8 anos	3	6,97%
8 a 10 anos	3	6,97%
> 10 anos		
Pós-Graduação na área materno-infantil* (N = 59)		
Enfermagem Obstétrica	17	28,81%
Enfermagem Neonatal	12	20,33%
Enfermagem pediátrica	5	8,47%
Residência em saúde materna, infantil ou áreas afins	2	3,38%
Cuidado materno infantil com enfoque em aleitamento materno	2	3,38%
Não possui pós-graduação nesta área	21	35,59%

*O profissional pode ter realizado mais de uma qualificação.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Sobre a atuação do profissional no manejo do aleitamento materno durante a pandemia no ano de 2020, 19 (24,05%) atenderam em hospital privado com vínculo CLT e, 19 (24,05%) atenderam em domicílio, 27 (62,79%) continuaram atendendo de forma presencial. Referente a percepção profissional em relação aos prejuízos no atendimento 16 (27,58%) consideraram a dificuldade em avaliar a mama e 16 (27,58%) consideraram a dificuldade em avaliar o bebê, a percepção do profissional em relação à qualidade do atendimento, 22 (39,28) sentiram que a qualidade foi prejudicada pela regra de distanciamento, e nas estratégias de atendimentos utilizadas diante do novo cenário, 32 (40%) atenderam de forma Presencial (domiciliar, hospitalar, consultório etc.). Em relação aos problemas mais comuns atendidos no período 32 (25,80%) profissionais relataram fissuras, e os problemas mais difíceis de manejar no cenário pandêmico, 14 (32,55%) relataram a mastite. Sobre as ações mais difíceis de manejar por causa das medidas de prevenção/distanciamento, 30 (47,61%) descreveram orientação/realização de ajuste de pega correta (Tabela 2).

Tabela 2 – Atuação profissional no manejo do aleitamento materno durante a pandemia no ano de 2020. Várzea Grande, Mato Grosso, 2022. n = 43

Variáveis	N	(%)
Local de atendimento* (N = 79)		
Hospital privado como autônoma(o)	09	11,39%
Hospital privado com vínculo CLT	19	24,05%
Hospital público como autônoma(o)	04	5,06%
Hospital público com vínculo de concurso	07	8,86%
Domiciliar	19	24,05%
On-line	13	16,45%
Serviço voluntário	06	7,59%
Outro	02	2,53%
Atitude profissional em relação às regras de distanciamento		
Continuou atendendo de forma presencial	27	62,79%
Continuou atendendo de forma presencial e incluiu o atendimento remoto	01	2,32%
Continuou atendendo, porém somente de forma remota	09	20,93%
Parou todos os atendimentos temporariamente	03	6,97%
Parou completamente os atendimentos e não retornou	03	6,97%
Percepção profissional em relação aos prejuízos no atendimento* (N = 58)		
Não houve prejuízos	12	20,68%
Dificuldades em avaliar a mama	16	27,58%
Dificuldades em avaliar o bebê	16	27,58%
Dificuldades na avaliação oral do bebê	11	18,96%
Outros	03	5,17%
Percepção profissional em relação à qualidade do seu atendimento* (N = 56)		
Não sentiu diferença na qualidade prestada	09	16,07%
Sentiu que a qualidade foi prejudicada pela regra de distanciamento	22	39,28%
Sentiu que a qualidade foi prejudicada pelo medo do desconhecido	19	33,92%
Sentiu que a qualidade foi prejudicada pelo custo do serviço/insumos	06	10,71%
Estratégias de atendimento utilizadas diante do novo cenário* (N = 80)		
Atendimento online (Vídeo chamadas – google Meet, zoom etc.)	22	27,50%
Atendimento por telefone (ligações)	10	12,50%
Atendimento por mensagens (WhatsApp/Telegram)	16	20,00%
Atendimento Presencial (domiciliar, hospitalar, consultório etc.).	32	40,00%
Problemas mais comuns atendidos neste período* (N = 124)		
Fissuras	32	25,80%
Ingurgitamento mamário	24	19,35%
Candidíase mamária	08	6,45%
Ducto obstruído	10	8,06%
Baixa produção láctea	24	19,35%
Mastite	23	18,54%
Outro	03	2,41%
Problema mais difícil de manejar diante deste cenário		
Fissuras	05	11,62%
Ingurgitamento mamário	01	2,32%
Candidíase mamaria	06	13,95%
Ducto obstruído	03	6,97%
Baixa produção láctea	11	25,58%
Mastite	14	32,55%
Outro	03	6,97%
Ação mais difícil de manejar por causa das medidas de prevenção/distanciamento * (N = 63)		
Orientar/realizar ajuste de pega correta	30	69,76%
Orientar/Realizar massagem nas mamas	11	25,58%
Aplicar laser	05	11,62%
Avaliação das mamas	12	27,90%
Outro	05	11,62%

*A profissional pode ter selecionado mais de uma opção.

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Frente às condições de trabalho e utilização de instrumentos, a dificuldade no acesso à paramentação adequada foi relatada por 26 (21,48%) entrevistados em relação ao acesso à máscaras, 38 (88,37%) dos profissionais relataram o recebimento de orientações, capacitações e treinamentos frente ao cenário pandêmico, e 24 (40,67%) utilizaram protocolo de atendimento (Tabela 3).

Tabela 3 – Condições de trabalho e Utilização dos instrumentos de gestão durante o atendimento de amamentação na pandemia no ano de 2020. Várzea Grande, Mato Grosso, 2022. n = 43

Variáveis	N	(%)
Dificuldade no acesso à paramentação adequada* (N = 121)		
Luva de procedimento	25	20,66%
Máscara	26	21,48%
Avental descartável	22	18,18%
Gorro/Touca	10	8,26%
Álcool 70%	24	19,83%
Óculos de proteção	11	9,09%
Outros	03	2,47%
Orientação/treinamento/capacitação frente ao cenário pandêmico		
Sim	38	88,37%
Não	05	11,62%
Ferramentas de gestão utilizada em seu processo de trabalho*(N = 59)		
Protocolo de atendimento	24	40,67%
Procedimento operacional padrão (POP)	13	30,23%
Fluxograma	17	39,53%
Outros	05	11,62%

*A profissional pode ter selecionado mais de uma opção.
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

As fontes científicas de informações para o direcionamento da prática de consultorias foram para 26 (60,46%) dos participantes o Ministério da Saúde, 33 (76,74%) dos participantes sentiram-se seguros nas orientações das mães frente ao cenário pandêmico, e o principal desafio para 22 (18,80%) dos profissionais o atendimento presencial em tempos de isolamento social (Tabela 4).

Tabela 4 – Medidas de prevenção e principais desafios encontrados na prática profissional do aleitamento materno no enfrentamento da pandemia no ano de 2020. Várzea Grande, Mato Grosso, 2022. n = 43

Variáveis	N	(%)
Principais fontes científicas de informações para o direcionamento da sua prática		
OMS	14	32,55%
Ministério da Saúde	26	60,46%
Outros	03	6,97%
Segurança nas orientações das mães frente ao cenário pandêmico		
Sim	33	76,74%
Não	10	23,25%
Desafios encontrados na prática profissional frente ao cenário pandêmico (N=117)		
Medo do desconhecido	20	17,09%
Falta de profissionais	04	03,41%
Atendimento presencial/Isolamento Social	22	18,80%
Medo de contaminar a si e seus familiares	16	13,67%
Adaptação ao sistema remoto	18	15,38%
Informações não verídicas veiculadas por meios de comunicação	12	10,25%
Prática do manejo em pacientes positivos para covid-19	03	02,56%
Abalo psicológico por perda de familiares	04	03,41%
Déficit em redes de apoio para encaminhamento	02	01,70%
Orientação sem evidências concretas sobre a fisiopatologia do vírus	16	13,67%

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

DISCUSSÕES

Os dados da pesquisa revelam a prevalência do sexo feminino como perfil do enfermeiro consultor de amamentação. A enfermagem em si é caracterizadamente integrada com equipes predominantemente femininas, principalmente nas linhas de atendimentos que envolvem cuidados às mulheres e crianças, entretanto, estudos recentes mostram que a participação masculina nos envolvimento gerais e em todos os cuidados inerentes a profissão tem crescido, e que a tendência recente é de aumento gradual da inserção masculina em todas as áreas da enfermagem (CARVALHO, et. al., 2020).

A variável de idade do estudo demonstrou que em sua maioria os consultores têm menos de 40 anos, e a maior parte desses consultores possuem mais de 10 anos de graduação de enfermagem. Segundo Machado et. al. (2016), a predominância dos profissionais de enfermagem de até 40 anos é de 61,7% do total, representando mais 1 milhão e 100 mil trabalhadores. Vale destacar que 1/4 do contingente tem até 30 anos, o que significa dizer que a equipe de enfermagem no geral é, prevalentemente, jovem. Os profissionais com mais de 10 anos de formação são considerados como devidamente preparados, qualificados e inseridos no mercado de trabalho com solidez.

O tempo de atuação em consultorias de aleitamento materno dos consultores participantes da pesquisa, em sua maioria, é de até 4 anos. Quando relacionamos esse tempo de atuação com o tempo de formação prevalente dessa pesquisa (mais de 10 anos), percebe-

se que a consultoria de aleitamento materno é uma área da enfermagem em ascensão. Esse crescimento pode estar relacionado às mudanças institucionais de unidades, e de políticas públicas com novas estratégias de abordagem, promoção, proteção e apoio à prática do aleitamento materno do Ministério da Saúde frente às redes de atenção (BRASIL, 2015).

Entre as formas de atuação dos profissionais pesquisados, prevaleceram em maioria as práticas hospitalares em hospitais privados com vínculo celetista e os atendimentos domiciliares. Instituições privadas de saúde nos níveis de atenção terciário têm investido amplamente nas áreas de atuação materno-infantil, principalmente nos atendimentos ao puerpério imediato. As ações de empresas hospitalares privadas frente ao puerpério incluem a humanização do cuidado, o apoio à amamentação e as instruções do enfermeiro em todo o processo do cuidado, que incluiu fortemente orientar a amamentação de forma adequada. Essas unidades têm conseguido muita visibilidade, adesão às mães parturientes, e por consequência, aumento da rentabilidade empresarial, sendo também essa a justificativa para o foco do investimento (SANTOS, et. al., 2021)

Os atendimentos domiciliares apresentam o perfil do enfermeiro empreendedor, que vê na consultoria de amamentação a oportunidade não só de prestar assistência de forma autônoma, mas proporciona ao profissional a oportunidade de reinventar sua profissão, e construir novas possibilidades, estar no controle de sua produção e seus rendimentos. Empreender em enfermagem é um processo contínuo, promissor, viável, porém desafiador, requer conhecimentos assistenciais e gerenciais frente à prática do cuidado (SANTOS, 2019).

Em relação aos modos de atendimento que os participantes da pesquisa utilizaram após as regras de distanciamento serem impostas em consequência da pandemia em 2020, a maioria dos profissionais permaneceram realizando os atendimentos de forma presencial. Destacam-se também a segunda parcela de participantes que além do atendimento presencial, incluíram o atendimento remoto como estratégia para realização das consultorias. Frente às situações descritas, os participantes foram questionados sobre as estratégias usadas para oferta e continuidade das consultorias, e a permanência do atendimento presencial prevaleceu nas consultorias, seguido de estratégias de atendimento online com a utilização de ferramentas de vídeo chamadas. A COVID-19 destacou nacionalmente a equipe de enfermagem como protagonista nos cuidados frente aos serviços de saúde, sempre comprometidos com o cuidado, com a saúde das famílias e com pacientes internados, mostrando seu poder de adaptação à cargas de trabalho, remanejamentos, equipes diferentes, sempre com foco no paciente e baixa abstenção (ZIN, et. al., 2021).

A consultoria online de amamentação é uma ferramenta do enfermeiro empreendedor com intuito de agregar, com êxito, atendimentos para manutenção do aleitamento materno e cuidados com o bebê. É uma modalidade diferenciada que favorece as metas de amamentação, esteve em ascensão nos períodos de isolamento social. Essa ferramenta

tecnológica deve ser apoiada e incentivada por todas as esferas da saúde, por se tratar de um atendimento dinâmico, especializado e de acordo com as competências do enfermeiro (PRUDENCIO; FUZISSAKI; 2021).

Outra abordagem da pesquisa foi em relação à percepção dos entrevistados sobre prejuízos nas realizações dos atendimentos, considerando o contexto pandêmico de 2020, e a maioria dos participantes relatou dificuldades em avaliar a mama e avaliar o bebê. Segundo Domingos (2016) a assistência de enfermagem e o consultor de amamentação desempenham atividade de extremo valor no que se diz respeito à prevenção de traumas e a amamentação. A avaliação precisa ser integral ao binômio mãe-bebê. A avaliação correta da mama e da criança é imprescindível para a identificação de problemas, sejam eles técnicos, anatômicos e/ou fisiológicos (BARBOSA, et. al., 2016).

Diante dos prejuízos frente aos atendimentos realizados no período, questionados sobre os impactos na qualidade do atendimento prestado, e na visão da maioria dos participantes, as regras de distanciamento foi o que mais afetou a qualidade dos atendimentos. De acordo com Paixão et. al (2021), o cuidar, que é a ação básica das atribuições do enfermeiro, foi prejudicado frente às regras de distanciamento, e as equipes estiveram mais fragilizadas frente a pandemia, porém, o distanciamento também fortaleceu o acolhimento e diálogo entre paciente e profissional, tendo este que se reinventar para manter seu cuidado unidirecional.

Com relação aos problemas mais comuns atendidos na pandemia em 2020, os profissionais entrevistados relataram, em sua maioria, que as Fissuras, seguido de ingurgitamento mamário foram os mais habituais. Dentre os problemas mais prevalentes na pandemia em 2020, o mais difícil de manejar, de acordo com os participantes, frente ao cenário pandêmico, foi a mastite.

As fissuras são lesões mamárias decorrentes, principalmente, pela pega incorreta do bebê, que ao mamar sugam inadequadamente ao depender da forma em que são alocados perante a mama para o aleitamento. As fissuras mamárias surgem, em geral, na primeira semana do puerpério, que é o período adaptativo do binômio mãe-bebê. Essas lesões são muito dolorosas, mas podem ser evitadas com a avaliação e orientação adequadas, e diante deste cenário salienta-se a importância da figura do consultor de aleitamento como forma de prevenção de lesões (RAVELLI, et. al., 2016).

O ingurgitamento mamário está relacionado às práticas de amamentação eficazes. Para que seja avaliado, o consultor deve considerar todos os fatores influenciáveis para que o evento ocorra, tais como: como a anatomia das mamas, a anatomia oral do bebê que dificulte a pega, ou a inviabilidade de amamentação por complicações de saúde da mãe e/ou do bebê. Porém, de modo geral, o ingurgitamento também é evitável ou minimizado por meio do auxílio do consultor em aleitamento materno trazendo as orientações necessárias de apoio

e alívio, estimulando a amamentação em livre demanda, orientando e auxiliando no processo de ordenha, validade e conservação do leite materno (RAVELLI, et. al., 2016).

Ainda segundo Ravelli et. al. (2016), as mastites equivalem a 15% das complicações puerperais, e são resultado de inflamação das mamas, geralmente decorrente de ingurgitamentos mamários não resolvidos. Casos graves de mastite podem resultar em abscessos e sepse, afetando gravemente a saúde da mãe e comprometendo o aleitamento materno efetivo. Os cuidados de enfermagem e consultorias de amamentação são fundamentais para a recuperação, tratamento e prevenção dos quadros de mastite.

Frente às medidas de distanciamento, as ações rotineiras mais difíceis para manejo sob essa condição, na visão da maioria dos consultores entrevistados, foi a orientação e realização da pega correta. Segundo Lima et. al (2020), correta, transformou-se um verdadeiro desafio aos profissionais de amamentação, uma vez que não é possível avaliar integralmente a mamada à distância. Diante do cenário, os profissionais precisam se adaptar para fornecer apoio adequado, sem causar prejuízos relacionados à falta de orientações e avaliações.

De acordo com a maioria dos participantes da pesquisa, houve dificuldade de acesso aos materiais de paramentação, em destaque para acesso às máscaras, luvas de procedimento e álcool 70%. Os materiais listados são equipamentos de proteção individual básicos para o trabalho seguro no ambiente hospitalar e não hospitalar. Almeida (2020) destaca que a função dos EPIs na proteção à saúde do trabalhador é insubstituível, minimizando os riscos de acometimento por infecções e contaminações na pandemia. Em contrapartida, a pandemia da covid-19 e as regras e recomendações como uso contínuo de máscaras e higienização das mãos com álcool gel a 70% levou à super escassez desses produtos no mercado, gerando, em várias partes do País, dificuldades para aquisição dos mesmos, o que comprometeu, em muitos municípios brasileiros, o acesso dos profissionais de saúde aos EPIs que prevenisse uma possível contaminação durante a prática de suas atividades laborais (SARAIVA, et. al., 2020).

Os treinamentos e capacitações frente ao cenário pandêmico foi presente nas atividades profissionais da maioria dos participantes da pesquisa. Segundo Saraiva et. al. (2020), as empresas devem dar destaque aos treinamentos e capacitações frente ao cenário pandêmico, para que os trabalhadores que atuam em contato direto com os pacientes possam ter conhecimento pleno sobre as situações de riscos em que estão envolvidos, além de sanar dúvidas, ouvir dificuldades e adaptar as equipes a novas atividades que precisaram ser ajustadas em razão da covid-19. Os envolvidos nas capacitações devem estar atentos a novidades no trabalho em relação a execução das atividades, que são elaboradas para minimizar prejuízos à saúde como um todo.

As ferramentas de gestão mais utilizadas para subsidiar os atendimentos de forma segura de acordo com os participantes, foram os protocolos e fluxogramas. Protocolos e fluxogramas são ferramentas de gestão que visam a padronização e o direcionamento das ações da equipe de assistência, e deve ser usado com frequência para a garantia de que as atividades sejam executadas de forma segura, prática, e de acordo com as normas preconizadas tanto pelos órgão competentes, como o Ministério da Saúde, quanto pelas instituições implementadoras (BARBOSA, et. al. 2020).

O direcionamento das ações dos participantes, frente ao cuidado na pandemia, baseou-se prevalentemente nas orientações fornecidas pelo Ministério da Saúde brasileiro. Faz-se importante, no cenário da pandemia, que as ações das instituições de saúde e dos profissionais em exercício sejam regidas por órgão competentes, como o Ministério da Saúde, que visa o direcionamento das ações e das políticas de atenção de acordo com os índices epidemiológicos atualizados, com embasamento científico e de maneira estratégica, com transparência e confiabilidade (SALES, et. al. 2020).

A confiabilidade no repasse de informações, frente às pacientes alvos das consultorias de amamentação, mantiveram-se com segurança, tendo a maioria dos entrevistados respondido que se sentiram seguros ao orientar as mães mesmo diante do cenário pandêmico. Essa confiança, mesmo em momentos difíceis, é característica do enfermeiro, que desenvolve ao longo de sua experiência, atribuições como liderança, olhar clínico, avaliação dos cenários, habilidades técnicas-científicas, que resultam num profissional que sente-se seguro e adaptativo diante de qualquer situação que lhe ocorrerem em sua jornada de trabalho (THOMAS, et.al., 2020).

Dentre os desafios identificados que impactaram a prática profissional, relatados pelos participantes, prevaleceram atendimento presencial em momento de isolamento social, medo do desconhecido, e adaptação ao sistema remoto. As medidas de isolamento social foram as mais adotadas no mundo todo, como forma de prevenção da covid-19, porém a enfermagem seguiu atendendo, por se tratar de serviço essencial. Vários fatores frente aos atendimentos prejudicaram a saúde mental dos profissionais de enfermagem, visto que os cuidados não podem ser distanciados, trazendo a insegurança frente à assistência prestada (HUMERES, et.al., 2020)

Ainda segundo Humeres (2020), o medo foi uma consequência da insegurança frente ao cenário novo e desconhecido, onde a doença sem precedentes não era conhecida, os níveis de contaminação era altos, e ainda não se tinha certeza das consequências sistêmicas, sequelas, e prevalência de grupos de risco a mortalidade. O medo, juntamente com a ansiedade e a exaustão foram comuns e disseminados entre as equipes de saúde.

O sistema remoto veio como uma ferramenta tecnológica, com a tentativa de suprir, ainda que parcialmente, a demanda de orientação e consultorias, anulando o risco de infecção direta, por se tratar de um método online. De acordo com Lima et. al. (2020), as consultorias são efetivas em relação às orientações prestadas às mães, porém vários fatores influenciam na qualidade da consultoria online, como a instabilidade de conexão, as imagens de baixa qualidade de dispositivos móveis, e a falta de habilidade dos profissionais em relação ao manuseio de equipamentos tecnológicos. A tecnologia, embora contribua grandemente com as ações em saúde, sendo uma opção adaptativa em tempos de crise, não se equivale ao contato, conversa próxima e avaliação física detalhada.

CONCLUSÃO

O perfil sociodemográfico do consultor de amamentação é prevalentemente feminino, com menos de 40 anos e mais de 10 anos de formação. A maioria dos enfermeiros consultores de amamentação atuaram, durante a pandemia, em hospitais privados ou de forma domiciliar. As ferramentas de avaliações online tiveram significativa ascensão, como ferramenta útil na adaptação frente ao isolamento, porém prevaleceram os atendimentos e consultorias de forma presencial.

As maiores dificuldades apresentadas pelos profissionais foram na avaliação das mamas, do bebê e da pega em si do RN ao seio materno. Os consultores sentiram que os atendimentos foram prejudicados pelo distanciamento, porém seguiram seguros na avaliação e consultorias. Existiram também as dificuldades de acesso a EPIs como máscaras, luvas de procedimento e álcool 70%. Os consultores receberam capacitações referente aos manejos dos pacientes na pandemia, utilizaram ferramentas de gestão como protocolos e fluxogramas, e utilizaram-se dos direcionamentos do Ministério da Saúde para subsidiar suas ações.

Os principais desafios no decorrer dos atendimentos na pandemia em 2020 foram o medo do desconhecido, as regras de distanciamento e isolamento social e a adaptação às ferramentas de sistema remoto.

Concluimos que apesar do desconhecimento relacionado à covid-19 em meados de 2020, não impediu que a maioria dos profissionais desenvolvessem seu trabalho no momento considerado mais crítico de adaptação do binômio mãe-bebê, por considerarem importante dar continuidade em seus atendimentos, mesmo diante das incertezas do momento que vivenciavam em sua prática.

Como limitação deste estudo, destacamos a escassez de estudos relacionados a esta temática, sendo necessária a realização de novas pesquisas que possam subsidiar uma análise mais aprofundada sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, I. Proteção da saúde dos trabalhadores da saúde em tempos de COVID-19 e respostas à pandemia. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, Botucatu-SP, v. 45, n. 17, p. 1-10, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbso/a/yyZ869N3cDZpLdsTJvNkvKb/?format=pdf&lang=pt>

Acessado em 06/06/2022.

BARBOSA, G. et. al. Dificuldades iniciais com a técnica da amamentação e fatores associados a problemas com a mama em puérperas. **Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)**, Montes Claros, 2017.

<https://www.scielo.br/j/rpp/a/XtsYq9R64YjSGTwyZw9yhLG/?format=pdf&lang=pt>

Acessado em 14/06/2022.

BARBOSA; L. et al. O desafio de implantar protocolos de enfermagem na pandemia do novo coronavírus: relato de experiência. **Revista Enfermagem em Foco**, Salvador-BA, v. 11, n. 2, p. 121-125, 2020 . Disponível em:

<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3760/994>.

Acessado em 09/06/2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Bases para a discussão da Política Nacional de Promoção, Proteção e Apoio ao Aleitamento Materno**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em:

https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/bases_discussao_politica_aleitamento_materno.pdf. Acessado em 14/06/2022

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em:

https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_ca_b23.pdf. Acessado em 14/06/2022

BRITO, S. et al. Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Revista Visa em debate**. São Paulo-SP, v. 8, n. 2, p.54-63, 2020. Disponível em:

https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/07/1103209/2020_p-028.pdf. Acesso em:

09/06/2022

CARVALHO, D. et al. Perfil de trabalhadores da enfermagem de hospitais universitários e as cargas de trabalho: análise por clusters. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, **Universidade Federal do Rio Grande**, 2020. Rio grande do sul. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0194>. Acessado 08/06/2022.

DOMINGOS, B. Avaliação das mamas no momento da triagem neonatal. I Workshop dos Programas de Pós-graduação em enfermagem. **Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Alfenas**. Alfenas-MG, 2016. Disponível em:

<https://www.unifal-mg.edu.br/extensao/wp->

content/uploads/sites/96/2019/07/AVALIA_O-DAS-MAMAS-NO-MOMENTO-DA-TRIAGEM-NEONATAL.pdf. Acessado em 09/06/2022

HUMEREZ, D. et. al. Saúde mental dos profissionais de enfermagem do Brasil no contexto da pandemia Covid-19. Ação do conselho federal de enfermagem. **Revista Cogitare Enfermagem**. São Paulo-SP, v.20, p. 1-10, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/74115/40808> Acesso em 14/06/2022.

LIMA, A. et. al. Consultoria em amamentação durante a pandemia COVID-19: relato de experiência. **Escola Anna Nery**, Fortaleza-CE, v.24, p.1-6, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/9b3D3KPpj93kmFTy7XvTnMH/?lang=pt>. Acesso em: 09/06/2022.

MACHADO, M. et al. Características gerais da enfermagem: o perfil sócio demográfico. **Enfermagem em Foco**, v. 7, p. 9-14, jan, 2016. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/686>. Acesso em: 09/06/2022.

PAIXÃO, G. et. al. Estratégias e desafios do cuidado de enfermagem diante da pandemia da covid-19. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba-PR, v. 7, n. 2, p. 19125-19139, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/25205/20175>. Acessado em 09/06/2022

PRUDENCIO, P; FUZISSAKI, M. A consultoria online de amamentação como ação empreendedora do enfermeiro. 44ª Semana de Enfermagem – Escola Técnica de Saúde. **Universidade Federal de Uberlândia**. Uberlândia-MG, p. 1-2, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/32354/1/ConsultoriaOnlineAmamenta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acessado em 09/06/2022.

RIBEIRO, A. et al. Saúde e segurança de profissionais de saúde no atendimento a pacientes no contexto da pandemia de Covid-19: revisão de literatura. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. Rio de Janeiro-RJ, v. 45, n. 25, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/XMb5ddFXbpwB3CQxtPD3VBD/?lang=pt#> Acessado em 12/10/2021.

RAVELLI, A. et. al. Consulta puerperal de enfermagem: prevenção de complicações mamárias. **Revista Cogitare Enfermagem**, Ponta Grossa-RS, v. 21, n. 2, p. 1-7, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4836/483653650019/483653650019.pdf>. Acessado em 14/06/2022.

SALES, C. et. al. Vigilância em saúde da COVID-19 no Brasil: investigação de contatos pela atenção primária em saúde como estratégia de proteção comunitária. **Revista Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Vitória-ES, v. 29, n. 4, p. 1-6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000400011>. Acessado em 14/06/2022.

SANTOS, D. Atuação do enfermeiro no aleitamento materno. **Repins Faema - Repositório institucional**, Ariquemes-RO, p. 1-42, 2019. Disponível em: <https://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/2584/1/TCC%20corrigido%20IVA.pdf assinado assinado assinado%20okkkk.pdf>. Acessado em 08/09/2022.

SANTOS, R et al. Aleitamento materno exclusivo em tempos de pandemia da COVID- 19: revisão integrativa. **Revista Research, Society and Development**, Minas Gerais, v. 10, n. 3, p. 1-9, Mar, 2021. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13167/11990>. Acessado em: 11/10/2021

SARAIVA, E. et al. Impacto da pandemia pelo Covid-19 na provisão de equipamentos de proteção individual. **Braz. J. of Develop**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 43751-43762, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/yyZ869N3cDZpLdsTJvNkvKb/?format=pdf&lang=pt> Acessado em 09/06/2022.

THOMAS, L. et. al. Atuação do enfermeiro emergencista na pandemia Covid-19: revisão narrativa da literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 6, p. 15959-15977. Santo Angelo, 2020. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/19631/15731>. Acessado em 09/06/2022.

Universidade Federal do Maranhão. UNA-SUS/UFMA **Redes de atenção à saúde: a Rede Cegonha**. São Luís, 2015. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/2445/1/UNIDADE_2.pdf. Acesso em 14/06/2022.

Zin, C. et. al. Atuação de acadêmicos de enfermagem em uma unidade de terapia intensiva covid-19: um relato de experiência. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v.4, n.6, p. 25770-25784, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/39883/pdf>. Acessado em 09/06/2022.